



Entre a Exposição e a Invisibilidade:

Uma leitura da crítica sobre vida e obra de Patrícia Galvão

Virgínia Celeste Carvalho da Silva*
Emylayny Sarayna dos Santos Freire Filho**

RESUMO

Ao ler sobre Pagu – escritora e jornalista – uma questão ronda-nos: quem foi esta mulher que, ao primeiro contato, parece tanto se destacar das outras mulheres de seu tempo? Ao menos é esse o *ethos* discursivo que a crítica sobre sua vida e obra nos traz. Logo analisaremos, neste artigo, alguns textos que nos contam a vida literária e política de Patrícia Rehder Galvão, ou, como é conhecida, Pagu. Ainda persiste uma certa obscuridade sobre sua obra literária e jornalística, sendo quase sempre a sensualidade e ousadia de Pagu como temas basilares de boa parte de sua fortuna crítica. A luta de Pagu contra o falso moralismo de sua época é sim indiscutível, e seu posicionamento enquanto feminista e revolucionária, bem conhecidos. Objetivamos, contudo, mostrar que há tanto uma superexposição de alguns pontos de sua personalidade, quanto uma invisibilidade de sua obra, pois: 1) a mesma fortuna crítica que a clama como à frente do seu tempo está imersa em valores que muito mais ferem do que respeitam os ideais pelos quais a “musa modernista” lutava; 2) como compêndios de sobre a Literatura Brasileira negam espaço à discussão da obra de Pagu, que esteve engajada no Modernismo Brasileiro enquanto escritora, jornalista, teatróloga, desenhista e poeta. Concluimos nosso trabalho buscando restaurar a figura de Pagu como símbolo histórico e literário, no intuito de construir uma leitura feminista de sua obra, demonstrando como ela participou da vida literária brasileira.

Palavras-chave: Literatura. Ethos Discursivo. Pagu. Invisibilidade. Epistemologia Feminista.

* Mestra em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

** Graduada em Letras pela Faculdade de Formação de Professores da Mata Sul – FAMASUL



INTRODUÇÃO

Quando citamos Patrícia Galvão — principalmente quando se está à frente de uma turma inicial de literatura no Curso de Letras — temos noção do quanto sua obra ainda é menosprezada, pois nos deparamos com expressões de desconhecimento; alguém da sala ainda pode cantarolar a música de Rita Lee sem fazer ideia a quem o título da canção faz jus.

Por outro lado, quando pedimos uma pesquisa sobre a escritora, o que recebemos são informações tanto superficiais quanto preconceituosas que rodam seu nome. Notamos que é escasso material, não apenas sobre seu poder literário, mas também como seu ideal e sua força enquanto mulher intelectual; essas questões ora são sufocadas ora minimizadas pela teoria literária convencional. Esta parece descartar a mulher que se mostrou forte nas esferas política e literária, e mais ainda: a percebe sem tentar compreender o cenário cultural e intelectual feminino e feminista da época.

Ao lermos a fortuna crítica da Pagu, apelido conferido pelo poeta Raul Bopp, notamos um direcionamento em expor sua vida pessoal: a menina levada, adolescente que aborta, a mulher de relações sexuais prematuras, de casos extraconjugais. À essa biografia, concedem o adjetivo “turbulenta” ou “vanguardista”; e foi por meio desta, não pelos ideais políticos e literários, que Pagu se tornou conhecida e marcante na sociedade. Enquanto isso, seu livro mais conhecido “Parque Industrial” não é citado no rol de livros modernistas nos compêndios de literatura brasileira.

E quando que pensamos numa relação Pagu e as mulheres a ela contemporâneas, essa crítica é ainda mais cruel: ela passa do movimento de exposição e invisibilidade para o de exaltação e segregação, corroborando com uma História ideologicamente comprometida com ideais patriarcais de isolar mulheres. Se pensarmos no imaginário sobre a mulher dos anos de 1920, certamente nos virá aquela imagem de “normalistas”, cujos primeiros direitos estavam lhes sendo

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



concedidos por “homens”. Então nos aparece Pagu que, com sua rebeldia, dizem, se colocou “a frente de seu tempo”. Imagem esta que, no mesmo instante que a torna um ícone, apaga da História tantos passos dados por mulheres literatas e que lutavam por direitos políticos.

Tendo isso em mente, queremos discutir como os rumores sobre a vida de Pagu tomaram maiores proporções e seus feitos como escritora, jornalista e intelectual foram deixados de lado, justamente pelo viés discursivo marcadamente machista que a crítica literária se constrói. Dessa forma, julgamos que seu comportamento e atitudes que ultrapassava os limites sociais estabelecidos à mulher de seu tempo, garantiu uma certa invisibilidade às suas obras no mesmo momento que lhe presenteou com o título de “musa do Modernismo”.

Faremos, então, uma análise nem de sua vida literária nem de seu próprio texto – o que certamente será feito em artigos futuros – mas como se dá a existência dessa mulher – o que denominaremos no artigo por Ethos – através de textos que compõem sua fortuna crítica, cujos temas limitam-se a imagem de uma moça polêmica, rebelde e anarquista. Esquecendo-se de uma Pagu que encarou uma jornada de intensas lutas e enfrentamentos, que tiveram grande positividade na continuidade do avanço da figura feminina na literatura.

1 De onde observamos

Este artigo nasceu como uma crítica. Durante a pesquisa e a orientação da monografia de fim de curso “A crônica Literária brasileira no espaço feminista do século XX: Uma análise histórica e ideológica”, cujo problema era analisar textos de autoria feminina, outras problemáticas se fizeram presentes, tanto no que diz respeito a escassez de material para pesquisa, quanto o silêncio sobre autoras nos grandes compêndios da Literatura Brasileira e, por fim, e ponto no qual nos

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



deteremos nesse artigo, a crítica feita a autoras sob um ponto de vista conservador e machista.

Especificamente, se entendemos que “a teoria do conhecimento é a parte da filosofia que estuda as relações entre sujeito e objeto no ato de conhecer” (CALVELLI; LOPES, p. 347), fica visível o quanto é necessária uma revisão não apenas no cânone literário – movimento muito aclamado e sim já feito por muitas estudiosas – mas da própria lógica que sistematiza o valor literário. Este está respaldado em um conservadorismo de formas e temas, fazendo com que mulheres sejam colocadas em espaços sociais que o feminismo combate: a mulher que não é protagonista e produtora de sentidos; é personagem, é criação.

Infelizmente a mulher, muitas vezes, ainda é tratada como uma anomalia na História da Literatura. Uma enxerida ou um mito. Isso revela que há uma tendência a pensar a mulher de forma predeterminada; um padrão biológico que caiba nos enquadramentos sociais:

em se considerando os “estudos da mulher”, esta não deveria ser pensada como uma essência biológica pré-determinada, anterior à História, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituintes. (RAGO, 1998, p. 29)

Para sair desse lugar discursivo, precisamos de uma teoria que, além de debruçar-se sobre o feminino e o feminismo, busque uma construção epistemológica feminista. O que, certamente, já acontece nas ciências humanas:

A teoria feminista aponta também para a estreita relação existente entre ciência e poder e ainda para o fato de as mulheres não terem sido mencionadas em grande parte da história do conhecimento. Segundo Elizabeth Grosz (2006, p.206): “A amnésia, o esquecimento das contribuições das mulheres na produção do conhecimento, é estratégia e serve para assegurar as bases patriarcais do conhecimento. (CALVELLI; LOPES, 352)

E é essa amnésia, mais estritamente, a amnésia entre histórias de escritoras que é tão cruel para a mulher: dá-nos a impressão de descontinuidade; de que nada fora feito anteriormente; que a escritora que “está à frente de sua época” é um local impossível e solitário. É sob esse ponto de vista que vamos analisar alguns espaços



Sobre o relacionamento com Oswald e demais Modernistas, o que não falam é como a imagem de Pagu não se desvencilha desses nomes. E não é uma questão aqui como existe entre escritores: a noção de que traços estéticos ou ideais poéticos os reúnem, não. O que se mostra é uma Pagu bibelô, que perfazia o “esperado”; que era a imagem do que estes homens desejavam. É sempre uma relação de apadrinhamento, de acolhida e não uma comunhão:

Para eles – ah, sim! –, ela se prestava admiravelmente ao papel de ícone dos novos padrões de beleza chocante do modernismo. Era jovem, bonita, inteligente; seus desenhos e poemas, inquietantes. A ousadia da normalista cheia de talento e atrevimento ajustou-se de forma irretocável ao espírito irreverente dos modernistas. Assim, Pagu, como ficou conhecida, transformou-se em *musa antropofágica* [grifo da autora]. (FREIRE, 2008, p. 46).

Ao menos a crítica literária que expõe Pagu comprometia-se não apenas com sua legitimidade, mas também com ideias políticas, principalmente no que diz respeito ao espaço social mulher. O que ela não faz é criar uma ponte entre Pagu e outras mulheres, tanto escritoras quanto políticas – em seu sentido mais amplo – que vieram antes dela; isto sempre faz parecer que mulheres não conseguem influenciar umas às outras e atenua o poder de conquistas obtidas.

Ainda é válido ressaltar que Patrícia é apontada como uma das primeiras mulheres brasileiras a serem presas por motivos políticos no Século XX (SCHUMACHER; VITAL, 2000, p.464). Engajada na política, Pagu teve mais de 20 prisões, e esteve à frente de vários protestos em defesa de seus ideais. Mulher que reprovava a imoralidade e discriminação da burguesia de sua época, obteve grande exposição desses aspectos de sua personalidade, no entanto como isso se tornou literatura foi ou negligenciado ou observado em um ponto de vista ainda patriarcal.

3 Da Invisibilidade: Vida Literária

Diferentemente de sua vida pessoal, quanto à sua visibilidade em esferas literárias, Patrícia Galvão tem sido alvo da invisibilidade e do pouco prestígio. Pagu,

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



assim como as demais mulheres escritoras de seu tempo e antes dele, também colheu os frutos da negação dos valores intelectuais e dos preconceitos. O espaço literário construído pela crítica tradicional apenas acolheu, por muito tempo, o olhar masculino sobre o mundo, assim, mantendo uma leitura feminina – e feminista – fora de questão. Não poderíamos deixar de salientar os avanços nos últimos anos dentro dos estudos de gênero, entretanto o que impede da autora aqui citada de ter mais espaço?

Em sua entrevista ao Estadão, Augusto de Campos tenta responder essa pergunta:

Ser mulher era, sem dúvida, um fator negativo para uma escritora na época de Pagu. [...] No caso de Patrícia, houve como circunstância agravante a sua vida tumultuada pelos muitos anos de prisão e pelo inevitável reflexo que isso teve em sua vida, e a conseqüente dispersão de seus escritos. Mas houve e ainda há, também, muita resistência dos meios acadêmicos para aceitar a sua produção não-ortodoxa e, principalmente, as suas posições em defesa da vanguarda artística, sempre vista como desconfiança, e sempre acolhida com décadas de atraso, como ocorreu com Oswald, Sousândrade e a poesia concreta. (CAMPOS apud ESTADÃO, 2014)

Não que não compartilhem dos pontos apresentados, só achamos que eles devem ser analisados de um outro ponto de vista: 1) se era um fator negativo ser mulher, como Pagu se inseriu nessa jornada de mulheres que buscavam este título de “escritora”? 2) além do fato de ser mulher, havia o fato de ser comunista e ter sofrido perseguição política, então, onde a história de Pagu se encontra com outras mulheres que vieram antes dela, na luta pelo voto e outros direitos políticos? Inclusive trazendo o tema para arte, como Josephina Alvares de Azevedo o fez, ao encenar uma peça com esta temática; 3) se Oswald sofreu, em seu tempo, uma certa “desconfiança”, mesmo assim ele é apontado nos compêndios de literatura; o que está distante de Pagu, que se aproxima muito mais de Gilka Machado, neste aspecto, que chocou a comunidade ao lançar um livro de poemas eróticos em 1918.

Não é um problema apenas de aceitação do que não é ortodoxo, como deve acontecer a escritores homens. É um problema da lógica viciadamente machista em “ilhar” mulheres: as tornam ícones, o que ocasiona na quebra de um *continuum*

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE

Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:

Desafios no Campo da Militância e das Práticas



discursivo. Isso acarreta numa imagem ‘ahistórica’ da mulher em questão: sempre a frente, nunca com as suas companheiras.

Embora tenha inaugurado um gênero na ficção brasileira – o romance panfletário – com a publicação de *Parque Industrial* (1932), não encontramos Pagu citada em livros como *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido. Perguntamo-nos o que lhe falta para tanto, já que o romance entra numa linhagem que é típica da literatura brasileira – chamado “romance social” – e traz aspectos da antropofagia tão aclamada por modernistas, o que poderia lhe conferir o título como obra que fechou esse momento literário. Em pesquisas para encontrar tal resposta, deparamo-nos com um testemunho peculiar do crítico marxista:

Certa vez fui jantar na casa de Lasar Segall, eu era muito tímido, e quando cheguei e vi o pessoal na mesa e ouvi a voz de Mário de Andrade, fiquei parado no saguão. E quem estava sentado ali na entrada, em um banco, era Pagu e Geraldo Ferraz. E estavam assim se namorando, falando coisas baixinho um para outro, ela passava a mão nele, ele passava a mão nela, pareciam um casal de meninos de dezesseis anos. Achei tão bonito aquilo, mas não tive coragem de entrar no jantar, eu era muito tímido. (CANDIDO, apud NEVES, 2005, p. 50)

Se há o silêncio sobre a obra, há, em tom de fofoca, corroborando com a acusação que Augusto de Campos (ESTADÃO, 2014) faz sobre Pagu não ser reconhecida porque as

universidades paulistas, sob a influência de Antonio Candido e seu patrono Mário de Andrade, a ignoraram, certamente porque Pagu, crítica implacável do conservadorismo, em uma memorável comunicação ao Congresso de Poesia de 1948, em São Paulo, com Oswald ainda vivo, repudiou a geração de 45 e acusou Mário de Andrade de “traição” à causa modernista, devido ao seu demissionário “Elegia de Abril”, texto de abertura da revista “Clima” (1941), de Candido e dos que Oswald chamava de “chato-boys”, “funcionários tristes da sociologia”.

Em nossa concepção vai além: a mulher não está inserida ainda no sistema literário. Não estamos falando da inexistência de escritoras no rol da crítica literária; falamos sobre um percurso discursivo que interligue estas produções femininas e que as tirem desses espaços de ícone ou de silêncio, pois ambos são cruéis para uma história comprometida com o espaço feminino.

Pagu tratou de assuntos que muitas vezes feriam a visão moral do tempo; do que era esperado a uma jovem de sua classe, sua raça fizesse. “Pagu participava



ativamente do grupo dos Antropófagos e da política nas décadas de 1930 e 1940, sem ter merecido figurar nos livros de História e Literatura que narram a Era Vargas e o Movimento Modernista Brasileiro.”, afirma Lúcia Helena Joviano, em seu artigo *Pagu: autoria e interdição no contexto da episteme moderna*. O que nos mostra e fundamenta a visão de que, apesar da ativa atividade que Pagu desenvolveu dentro da história política e literária do nosso país, a sua invisibilidade é diretamente ligada ao mesmo discurso que a expõe: um movimento de mitificação e exclusão.

Mesmo que possamos destacar como o primeiro romance proletário brasileiro, *Parque Industrial* e mesmo ele tendo provocado “intensas polêmicas por suas críticas a sociedade paulista [...] Pagu denunciou as condições socioeconômicas em que viviam os proletários e desmitificou a figura feminina para além do espaço doméstico” (CAMPOS *apud* SCHUMACHER; VITAL, 2000, p.464) fica a sugestão de que esses temas são menores, ante o cânone literário.

Considerações Finais

Quando olhamos a biografia de Pagu sob uma ótica da episteme feminista, deparamo-nos com uma mulher, cujo o Ethos se construía sobre o conceito de liberdade e da transgressão de espaços, não apenas do feminino, mas também da classe burguesa. Quando nos deparamos com a tradutora, jornalista, escritora, política, vemos uma mulher inquieta e, acima de tudo, intelectual que pensava o seu tempo e agia conforme suas crenças. Não era apenas uma questão de palavras, era de viver o que se acreditava, como quando deixou sua vida burguesa para trabalhar como uma mulher do povo.

Contudo, seus feitos e reconhecimento intelectual estiveram cada vez mais fora do sistema literário do Brasil, pois não encontramos palavras sobre Pagu dentro dos compêndios de literatura, como uma mulher que participou ativamente da escola Modernista. Por outro lado, encontramos biografias e artigos acadêmicos que

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



exaltam de sobremaneira aspectos íntimos de sua vida, como a sexualidade e os “escândalos” amorosos. Mesmo quando encontramos artigos que falem sobre o romance *Parque Industrial*, vemos que estão centrados na crítica convencional, que não percebe uma continuidade de produção entre escritoras.

Entendemos que esse processo de mitificação, que a separa de outras mulheres, é tão pernicioso à história feminista quanto o silêncio, pois, silencia outras mulheres que vieram antes de Pagu. Silenciando também a visão de mulheres sobre o mundo e sua produção literária.

Essa é a realidade daquela que passou sua vida dedicando-se às Letras e artes. Falar de Pagu é pouco mais que desvendar uma trajetória, e sim descobrir uma grandiosa história de luta, conquista e principalmente de sonhos. Que temos, por obrigação ideológica, não deixar ser apagada.

REFERÊNCIAS

BRASIL, U. **Pioneira pesquisa sobre Pagu ganha nova edição**. Cultura Literatura, Estadão, 16/10/2014. Disponível em: < <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura/pioneira-pesquisa-sobre-pagu-ganha-nova-edicao,1577379>>. Último acesso em: 20 out 2014.

CALVELLI, H.G; LOPES, M. F. **A teoria do conhecimento e a epistemologia feminista**. Disponível em <<http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh4/trabalhos/Haudrey.pdf>>. Último acesso em 19 out 2014.

FREIRE, T. **Dos escombros de Pagu: Um recorte biográfico de Patrícia Galvão**. São Paulo: Editora Senac, 2008.

FREITAS, G. **Augusto de Campos fala sobre o revolucionário legado de Pagu, ‘musa-mártir do Modernismo’**. Caderno Cultura, O Globo, 18/ 10/ 2014. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/augusto-de-campos-fala-sobre-revolucionario-legado-de-pagu-musa-martir-do-modernismo-14277753>>. Último acesso em 20 out 2014.

